

CAPÍTULO I

PRELÚDIO

Miss Jane Marple tinha o costume de abrir o seu segundo jornal à tarde. Recebia dois jornais pela manhã em sua casa. Lia o primeiro bem cedo, enquanto tomava chá, isto é, se fosse entregue pontualmente. O jornalista era muito irregular em matéria de horário. Acontecia também com freqüência que fosse novato, ou substituto provisório do habitual. E cada qual possuía idéias próprias sobre o percurso a ser observado na entrega. Talvez para quebrar a monotonia. Mas os assinantes, acostumados a receber o jornal numa hora matinal, para dar tempo de saborearem as notícias mais suculentas antes de tomarem o ônibus, trem, ou qualquer outro meio de transporte para o trabalho cotidiano, ficavam aborrecidos com o atraso da distribuição, embora as senhoras de meia-idade e as velhas que residiam pacatamente em St. Mary Mead preferissem, de modo geral, fazer a leitura instaladas à mesa de refeição.

Hoje Miss Marple já tinha lido a primeira página e algumas outras notas no que ela apelidava de “miscelânea”, alusão meio satírica ao fato do *Daily Newsgiver*, por motivo de troca de proprietário, para grande contrariedade dela e de outras amigas suas, agora publicar colunas especializadas em vestuário masculino, elegância feminina, problemas sentimentais, jogos infantis e cartas de recla-

mação de mulheres, conseguindo praticamente banir qualquer notícia de interesse do texto de todas as suas páginas, salvo da primeira, ou então deslocá-la para algum recanto obscuro onde se tornasse impossível localizá-la. Miss Marple, antiquada como era, preferia que seus jornais *fossem* jornais e publicassem notícias.

À tarde, depois do almoço e de um cochilo de vinte minutos que tirou na poltrona de encosto alto, adquirida especialmente para atender as exigências de suas costas reumáticas, abriu o *Times*, que ainda se prestava a uma leitura mais agradável. Não que continuasse sendo o mesmo de antigamente. A coisa mais enlouquecedora a respeito do *Times* era que não se *encontrava* mais nada nele. Em vez de começar pela primeira página, sabendo o lugar exato de cada seção, de modo a se passar facilmente a qualquer artigo especial sobre assuntos em que se estivesse interessado, ocorriam agora interrupções incríveis nesse programa de venerável tradição. De repente surgiam duas páginas dedicadas a viagens a Capri, com ilustrações. Os esportes recebiam destaque muito maior que nos velhos tempos. O noticiário dos tribunais e os necrológios mantinham certa fidelidade à rotina. As participações de nascimentos, núpcias e mortes, que em determinada época, devido à sua posição proeminente, chamavam antes de mais nada a atenção de Miss Marple, tinham emigrado para uma parte diferente do jornal, embora ela notasse que recentemente houvessem ido ocupar em caráter quase permanente a última página.

Miss Marple fixou-se primeiro nas notícias da primeira página. Não se demorou muito porque pouco variavam do que já tinha lido de manhã, apesar de possivelmente expressas de maneira mais digna. Correu os olhos pelo índice de matérias. Artigos, comentários, ciência, esportes. Depois prosseguiu na forma de costume: virou a página e examinou rapidamente os nascimentos, núpcias e mortes, findo o que propunha-se a ler a seção seguinte, do

correio de leitores, onde quase sempre encontrava alguma coisa divertida; aí passaria à Circular dos Tribunais, em cuja página hoje também se podiam ter notícias das Salas de Leilão. Um breve artigo sobre Ciência era freqüentemente colocado ali, mas não tencionava perder tempo com aquilo, pois raramente conseguia entender o texto.

Tendo dobrado o jornal, como sempre, para verificar as notas de nascimentos, núpcias e mortes, Miss Marple pensou consigo mesma, como tantas vezes já tinha feito: “Francamente, é triste, mas hoje em dia a gente só se interessa por *mortes!*”

As pessoas que tinham filhos eram pessoas que Miss Marple não conhecia nem de nome. Se houvesse uma coluna dedicada a recém-nascidos apresentando-os como netos, talvez ocorresse a oportunidade de um agradável reconhecimento. E ela pensaria consigo mesma:

– Puxa, a Mary Prendergast teve a *terceira* neta!

Embora até isso talvez fosse um pouco remoto.

Leu às pressas as participações de casamento, também sem muita atenção, porque a maioria das filhas ou dos filhos de seus velhos amigos já se tinha casado anos atrás. Chegou à coluna de Falecimentos e então concentrou-se a sério. A ponto, mesmo, de se certificar de que não deixaria escapar nenhum nome. Alloway, Angopastro, Arden, Barton, Bedshaw, Burgoweisser – (credo, que nome mais *alemão*, mas o finado parecia natural de Leeds). Carpenter, Camperdown, Clegg. Clegg? Xi!, seria um dos Cleggs que ela conhecia? Não, pelo jeito não. Janet Clegg. Um lugar qualquer em Yorkshire. McDonald, McKenzie, Nicholson. Nicholson? Não. De novo, nenhum Nicholson conhecido. Ogg, Ormerod. “Deve ser uma das tias”, pensou. É, provavelmente. Linda Ormerod. Não, não conheço. Quantril? Deus meu, vai ver que é a Elizabeth Quantril. Oitenta e cinco anos. Puxa, francamente! E eu que pensava que Elizabeth Quantril tivesse morrido há tanto tempo, já. Imagina só, a vida longa que teve! E

ainda por cima frágil como sempre foi. Ninguém esperava que logo *ela* fosse ficar para semente. Race, Radley, Rafiel. Rafiel? Sentiu uma coisa. Esse nome me é familiar. Rafiel. Belford Park, Maidstone. Belford Park, Maidstone. Não, não me recordo desse endereço. Favor não mandar flores. Jason Rafiel, que nome mais estranho. Decerto ouvi recentemente, em algum lugar. Ross-Perkins. Bem, talvez fosse... não, não era. Ryland? Emily Ryland. Não. Não, nunca conheci nenhuma Emily Ryland. *Profundamente amada por seu esposo e filhos*. Bem, isso pode ser muito bonito ou muito triste. Depende da maneira de encarar.

Miss Marple largou o jornal, olhando distraidamente as palavras cruzadas, enquanto se esforçava para imaginar por que esse nome, Rafiel, lhe era familiar.

– Daqui a pouco eu me lembro – disse, sabendo, por experiência, como funciona a memória dos velhos.

– Daqui a pouco me lembro, tenho certeza.

Fitou o jardim e depois desviou os olhos, procurando arrancá-lo do pensamento. Aquele jardim tinha sido motivo de grande prazer e de muito trabalho também para Miss Marple durante anos e anos a fio. E agora, por causa da rbugice dos médicos, via-se proibida de trabalhar nele. Já tentara lutar contra essa proibição, chegando finalmente à conclusão de que seria melhor obedecer às ordens. Colocara a poltrona de tal modo que se tornava difícil enxergá-lo, a não ser que quisesse positivamente e sem sombra de dúvida ver alguma coisa de especial. Suspirou, pegou a sacola de tricô e tirou um casaquinho de lã de criança já quase concluído. As costas e a frente estavam prontas. Faltava completar as mangas. As mangas eram sempre enfadonhas. Duas mangas, ambas iguais. É, muito enfadonho. Mas a lã tinha uma cor bonita. Cor-de-rosa. Ei, espera aí, o que é que aquilo lhe lembrava? Sim... sim... o nome que acabava de ler no jornal. Lã cor-de-rosa. O mar azul. O mar do Caribe. Uma praia arenosa. Ensolarada. Ela tricotando

e... mas claro, Mr. Rafael. Aquela viagem que fizera às Antilhas. A Ilha de St. Honoré. E lembrou-se de Joan, a mulher de Raymond, seu sobrinho, aconselhando-lhe:

– Não se meta mais em crimes, tia Jane. Isso não lhe faz bem.

Ora, ela não *queria* se meter mais em crimes, mas de que jeito? Simplesmente não foi possível. Tudo por causa de um velho major que insistia em contar umas histórias muito compridas e cacetes. Pobre major... como era mesmo o nome *dele*? Já havia esquecido. Mr. Rafael e sua secretária, Mrs... Mrs. Walters, sim, Esther Walters, e o empregado-massagista, Jackson. Agora se lembrava de tudo. Ora, ora. Pobre Mr. Rafael. Com que então tinha morrido. Ele sabia que não tardaria muito para que isso acontecesse. Praticamente lhe dissera. Mas parecia que havia durado mais tempo do que os médicos supunham. Um homem forte, tenaz – riquíssimo.

Miss Marple continuou pensando, as agulhas de tricô trabalhando sem parar, mas com as idéias distantes, lembrando-se do falecido Mr. Rafael, de tudo o que podia a seu respeito. De fato, não era fácil esquecê-lo. Seria capaz de reconstituir de memória, sem esforço, a sua aparência. Sim, uma personalidade bem definida, um homem difícil, irritadiço, às vezes horrivelmente grosseiro. Mas ninguém jamais se ofendia com suas grosserias. Disso também se lembrava. Porque era rico. Sim, tinha sido riquíssimo. Mantinha uma secretária e um misto de camareiro e massagista profissional. Não conseguia fazer nada direito sem o auxílio alheio.

Miss Marple achava aquele empregado um tipo meio duvidoso. Mr. Rafael às vezes o tratava com muita brutalidade. Ele nunca parecia se importar. E isso, de novo, naturalmente se explicava pelo fato de Mr. Rafael ser rico.

– Ninguém lhe daria a metade do que eu pago – dizia Mr. Rafael –, e ele sabe disso. Mas é um bom empregado.